



VIVER OU MORRER NUM ESTADO FALIDO

por Luiz Otavio Nascimento – “LON”

Em 1998, por ocasião da criação da Lei de Responsabilidade Fiscal, a dívida dos estados brasileiros foi renegociada com reajuste pelo IGP-DI + 6% ao ano, com pagamento limitado a 13% da receita líquida anual de cada estado, sendo o excedente lançado como dívida residual.

Isto deu um novo fôlego aos estados, gerando um novo surto de investimentos por todo o Brasil, impulsionando a economia, proporcionando novos empregos e progresso, em paralelo à chamada pela racionalidade na aplicação do dinheiro público.

Todo brasileiro sabe muito bem que de boas intenções o inferno está cheio. E o pragmatismo estatal esperado, nem sempre ocorreu. Vários governos estaduais deixaram o cavalo encilhado passar e perderam a oportunidade estratégica de corrigir o rumo de suas economias, estabelecer um modelo superavitário e construir um ciclo virtuoso.

Muitos nada fizeram em relação às previdências estaduais que continuam a produzir déficits geométrica e perigosamente crescentes. Ainda mantêm bancos estaduais ineficientes e usados indevida e politicamente.

Na ânsia da reeleição, focaram a gestão no curto prazo, no operacional, abandonando o estratégico. Compraram o barato e descartável, desprezando a



qualidade e o duradouro. Trataram serviços públicos como se fossem modinha de Cinderela, com duração de apenas um baile, até a meia-noite.

O desprezo pela gestão responsável só fez aumentar a dívida pública e os precatórios, a nível impagável. E, oposição, imprensa e povo, nada falaram a respeito, num misto de desconhecimento e omissão.

Agora, a um ano da próxima eleição para os governos estaduais é hora de todos refletirem sobre este importante ponto. Vários candidatos irão levianamente fazer campanhas prometendo mundos e fundos sem nenhuma menção à verdadeira situação falimentar de seus estados. Tamanhas mentiras deveriam ser duramente repudiadas por todos. O ponto a ser cobrado e debatido com alta intensidade é como sanear as finanças estaduais sem aumentar os impostos, que já são excessivos em todos os níveis, sem paralelo mundial.

Ao invés de perder tempo ouvindo bravatas, deveríamos gastar energia e inteligência para encontrar saídas pragmáticas para o tsunami econômico que se aproxima de nossas praias.

Há algum tempo, James Carville - o marqueteiro do ex-presidente Bill Clinton – pronunciou a célebre frase para explicar o que iria decidir as eleições norte-americanas de 1992: "é a economia, estúpido!". Ela foi usada para enfatizar que a parte mais sensível do corpo humano é o bolso. Quando o estado está falido, o receituário tende a ser trágico. Corte de funcionalismo, de salários, de benefícios. Aumento de impostos,



recessão, perda de empregos, etc. Alguns pensam até em perder a democracia, em troca de emprego e de estabilidade econômica. Exemplos não faltam para ambos os casos.

Neste momento, não estamos diante de uma marolinha. Ser simplista é uma dádiva divina destinada às crianças e aos ignorantes. Os cidadãos responsáveis precisam se informar e tomar posição. Podem até mesmo decidir nada fazer, mas têm de estar conscientes que morrerão abraçados com suas famílias, afogados num oceano de dívidas feitas por políticos que eles ajudaram a eleger com os seus votos ou omissão.

Enfim, sempre é a economia!

Escrito em 01.11.13



“LON” – Luiz Otavio da Silva Nascimento. Engenheiro, especializado em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas. Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com cursos nos Estados Unidos (*Darden Business School da University of Virginia* e *Babson College – Boston, MA*) e na França (*L'École des Hautes Etudes Commerciales – HEC – Paris*). Tem mais de 25 anos de experiência na geração de resultados e na gestão de empresas varejistas e industriais, dentre as quais Perrier, Cisper-Owens Illinois, Smuggler, Carrier e Lojas Renner.

Atualmente é Sócio-Diretor Geral da Merita Consultoria Empresarial e Sócio da Cadre Soluções, lançadora do aplicativo “*Mordomo*”. É membro do IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa e do *Retail*



Council do GLG – Gerson Lehrman Group. É professor das cadeiras de Inteligência Competitiva, Conhecimento do Consumidor e Criação de Valor através de Serviços dos Mestrados da *Business School* de São Paulo (*Laureate International Universities*).

Foi um dos fundadores do IPDV – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento do Varejo e Sócio-Diretor da Gouvêa de Souza & MD. Palestrante nacional e internacional, tem diversos artigos publicados e é autor do livro “Êxodo – da visão à ação – uma proposta para o varejo brasileiro”. Também é coautor do livro “Varejo: Administração de Empresas Comerciais”, ambos publicados pela Editora Senac São Paulo. Seu último livro “Gestor Eficaz – práticas para se destacar num ambiente empresarial competitivo” foi lançado em novembro de 2010 pela Editora Novo Conceito.